

PERRONE, R.; ERCOLIM, L. T. C. Amamentação: de quem é a escolha? *In*: PARLATO-OLIVEIRA, E.; COHEN, D. (Orgs.). **O Bebê no Mundo Transdisciplinar**, 2023. p. 121-132. São Paulo: Editora Instituto Langage. <https://institutolangage.com.br/loja/colecao-comecos-e-tropecos-na-linguagem/o-bebe-no-mundo-transdisciplinar/>

Amamentação: de quem é a escolha?

Introdução

Este trabalho consiste em uma reflexão teórica acerca da importância da amamentação no campo da função materna e da constituição do sujeito, oportuna para discutir o estado da arte do tema sob a ótica da mãe e na perspectiva do bebê, bem como as suas escolhas neste domínio.

As evidências atuais acerca da importância da amamentação são conclusivas, tanto do ponto de vista orgânico, quanto psíquico e socioeconômico. Entretanto, as pesquisas recentes vêm apontando que, na maioria dos países, as taxas de amamentação são, ainda, muito inferiores a 50% e a correlação com a duração da amamentação é moderada. Embora os dados mostrem que mais de 80% dos recém-nascidos recebem leite materno em quase todos os países, apenas metade destes bebês iniciam a amamentação na primeira hora de vida, mesmo sendo uma recomendação da *World Health Organization* (WHO) divulgada há mais de 25 anos (VICTORA *et al.*, 2016).

Os estudos indicam, também, que o continente europeu tem o menor índice global de amamentação (WHO, 2018), enquanto em toda a América, a taxa de amamentação é de 38%, quase três vezes mais do que na Europa. Na América Latina e no Caribe, menos da metade dos bebês são amamentados em sua primeira hora de vida, correspondendo a uma taxa de 48% (OPAS, 2021). Assim, parece inquestionável que o fator socioeconômico seja o único a influenciar as taxas de amamentação no mundo todo.

Nos últimos 30 anos a WHO, em parceria com o *United Nations International Children's Emergency Fund* (UNICEF), tem empreendido um esforço mundial no sentido de proteger, promover e apoiar a amamentação.

Neste seguimento, vários países implementaram programas de políticas públicas, visando o incentivo à esta prática (WHO, 2018). Contudo, estes projetos, sistematicamente, incluem somente os aspectos técnicos e normativos que envolvem as ações instituídas e são, frequentemente, vinculados ao discurso biomédico face à prática amamentação. Para mais, muitas destas intervenções, movem profissionais no sentido da insistência na amamentação, mesmo que a mãe não esteja decidida e/ou não se sinta preparada para iniciar esta ação.

Ao mesmo tempo, como resultado da crença de que a amamentação é uma atribuição materna que deve ser cumprida, verifica-se, muitas vezes, momentos de desarmonia e sofrimento, podendo gerar sérias implicações na interação entre a mãe e o seu bebê (FELICIANO; SOUZA, 2011).

Neste sentido, as possibilidades e os limites da amamentação parecem estar relacionados, por um lado, à opção materna que sofre influência de diversos fatores (HOLOWKO *et al.*, 2016; PRADO *et al.*, 2016; SILVA, 2020; VICTORA *et al.*, 2016) e, por outro, à escolha do bebê pelo laço com a sua mãe, construído por um canal interativo, desde o ambiente uterino (THUN-HOHENSTEIN *et al.*, 2008; TREVARTHEN, 1993; 2017; 2019).

Maternidade e amamentação

O discurso da naturalidade da maternidade e seus deveres, atribuindo à mulher a obrigação pelo cuidado e bem-estar do filho foi incorporado, desde muitos séculos, nas culturas ocidentais.

Com o surgimento da medicina higienista no século XIV, que definiu o corpo feminino como produtor do alimento fundamental para a saúde humana, a mulher recebeu o estereótipo de mãe higiênica, passando a atuar de acordo com as normas de saúde impostas naquela época (BRECAILO, 2017).

A partir do século XVII, quando foi iniciada a medicalização do corpo feminino, a mulher passou a ser vista como um equipamento social, cuja função era de gerenciar os aspectos da vida relacionados à reprodução humana (VIEIRA, 2002). Essa concepção, nomeada de maternidade útil, submetia a mulher, continuamente, à uma condição unicamente biológica e a sua subjetividade foi reduzida ao protótipo da mãe higiênica (BRECAILO, 2017).

A partir de uma união entre as mulheres e os profissionais da medicina, nasceu outro tipo de maternidade, a chamada maternidade científica, baseada na ciência e não mais na tradição familiar. Assim, a maternidade transpassou o âmbito doméstico e deixou de pertencer apenas à esfera familiar, ganhando uma nova missão, quer dizer, um dever e um cunho cívicos (FREIRE, 2009). Desta forma, a medicina, amparada pelo poder do Estado, conquistou a função de controle de todo o processo da maternidade, instituindo normas e condutas às mulheres, teoricamente, corretas e exemplares, do ponto de vista social e sanitário.

A história da maternidade gerou, conseqüentemente, reflexos na amamentação, levando, da mesma forma, à normatização desta prática com mudanças significativas e impactantes para as mães e os seus bebês, ao longo dos anos. As ações instauradas na prática da amamentação constituíram-se em condutas de domínio e de poder, passando por diferentes movimentos que delegaram à mulher, continuamente, a responsabilidade pela boa saúde dos filhos (KALIL; COSTA, 2012).

A soberania estatal decretada nos discursos que abordavam a amamentação mostra-se presente ainda hoje nas afirmações que discutem esta prática, sendo que grande parte dos materiais de divulgação e das campanhas publicitárias continuam tratando a amamentação de forma normativa (KALIL; AGUIAR, 2016). Além disto, estes materiais transmitem as informações de forma contínua, verticalizada e unidirecional, atribuindo à mulher uma função materna apenas executora.

O foco limitado ao aspecto biológico, que suprime e desconsidera os fatores sociodemográficos, psicoafetivos, culturais, morais e ou religiosos, além das necessidades da própria mulher na sua decisão para amamentar, sustenta, incessantemente, o discurso biomédico do saber. Esta abordagem rejeita a subjetividade e a singularidade do ser humano, excluindo tudo o que circunda os seus desejos, as suas escolhas e, fundamentalmente, a sua posição de sujeito (BRECAILO, 2017).

Amamentação: uma prática com múltiplas nuances

Torna-se cada vez mais evidente que para interpretar e compreender o fenômeno da amamentação é necessário considerar as questões relativas

tanto ao bebê quanto à mãe e, ainda, à interação que ocorre entre ambos no momento deste encontro. Portanto, a amamentação caracteriza-se como uma prática de múltiplas nuances que influenciam diretamente os aspectos do crescimento, do desenvolvimento e, particularmente, da constituição psíquica do bebê, como também é uma possibilidade para a mãe conhecer o seu bebê sempre mais e, juntos, construir o laço.

A literatura científica mundial vêm indicando que a amamentação é um desafio tanto para a mãe quanto para o bebê. Neste sentido, a amamentação e, inclusive o desmame, englobam questões que estão além da conscientização e da informação. No entanto, os estudos acerca da escolha materna para amamentar ou sobre o que diz o bebê da amamentação, ou ainda, relativamente à co-construção do laço durante este tempo, são limitados e, quando realizados, no geral, estão relacionados ao âmbito materno. Os resultados de algumas destas pesquisas (BRODRIDD *et al.*, 2007; HARRISON *et al.*, 2015; HOLOWKO *et al.*, 2016) mostram que o nível educacional, as crenças maternas e o conhecimento sobre a amamentação são os principais preditores das taxas mais elevadas desta prática.

Para compreender as barreiras à amamentação, foi realizada uma investigação prospectiva com 4.777 mulheres nascidas entre 1973-1978, na Austrália. O objetivo foi investigar a posição socioeconômica e a paridade no início e na manutenção da amamentação, no mínimo, por seis meses. Os dados de análise revelaram que, quanto mais elevado o nível educacional da mulher, maior será a probabilidade de ela amamentar o seu bebê durante os seus primeiros seis meses de vida. Os resultados indicaram também que quando se trata do filho mais novo da família, frequentemente, este bebê deixa de ser amamentado, independentemente do nível de escolaridade materna (HOLOWKO *et al.*, 2016).

Um estudo transversal realizado com 200 mulheres foi desenvolvido em 2015, na Jamaica, acerca dos fatores que afetam a escolha e o desejo de a mulher amamentar. O objetivo foi elucidar os fatores que influenciam as mães que amamentam, incluindo as intenções pré-natais para amamentar, o conhecimento sobre os benefícios da amamentação e as práticas de alimentação infantil. Todas as mães responderam a um questionário composto por 52 itens, que englobou os dados sociodemográficos, os conhecimentos, as

atitudes e as práticas sobre a amamentação. O questionário foi aplicado às mães por um entrevistador durante a consulta clínica pós-natal de seis semanas. Os resultados apontaram que os fatores sociodemográficos, como a idade materna e o nível socioeconômico, além das sessões educativas sobre a amamentação realizadas no período pré e pós-natal, não afetaram significativamente a manutenção da amamentação seis semanas após o parto. Apesar disso, a crença de que a amamentação era capaz de garantir que o bebê ficasse saciado mostrou-se como o único fator significativo associado à prática de amamentar (HARRISON *et al.*, 2015).

Uma outra pesquisa que trata da escolha materna para amamentar foi realizada na Austrália, com 562 mulheres, em 2007. Este estudo fazia parte de uma grande investigação longitudinal que investigou os comportamentos de amamentação e os apoios às mulheres no sul do estado de Queensland. O objetivo foi delinear os motivos que levam as mulheres australianas a amamentarem. Além disso, esta pesquisa visou identificar os preditores únicos para esses motivos e usar a análise fatorial de componentes principais para determinar os fatores que influenciam a decisão de uma mulher de amamentar. Os resultados apontaram que a razão mais comum relatada pelas mulheres sobre a decisão para amamentar foi que o leite materno é melhor para o bebê (95,5%). Motivos relacionados à mãe, como amamentar é mais conveniente (84,3%) foram também bastante referidos. Quatro componentes significativos foram determinados após a análise dos componentes principais: razões relacionadas à mãe, efeitos sobre a saúde do bebê, influências morais e familiares e conselhos de outras pessoas. Este estudo mostrou que, assim como os benefícios para a saúde do bebê, a conveniência e outras razões relacionadas à mãe parecem ser fatores importantes na decisão de uma mulher para amamentar (BRODRIDD, *et al.*, 2007).

Desta forma, não há dúvidas que a amamentação implica limites e desafios importantes e que, embora a escolha materna para amamentar tenha uma relação direta com diferentes fatores - sociodemográficos e socioculturais, incluindo a idade, o *status* socioeconômico, a educação e o conhecimento sobre a amamentação, entre outros (HOLLOWKO *et al.*, 2016; PRADO *et al.*, 2016; SILVA, 2020; VICTORA *et al.*, 2016), o bebê tem, igualmente, um papel determinante nesta prática e a sua escolha está relacionada com a interação

entre ele e a sua mãe. Além disto, a amamentação é uma ação sempre da ordem da subjetividade e da singularidade, seja da mãe ou do bebê, ao mesmo tempo em que constitui a intersubjetividade e constrói o laço entre eles (GOLSE, 2015; 2016; THUN-HOHENSTEIN *et al.*, 2008; TREVARTHEN, 1993; 2017; 2019).

Assim, para compreender o fenômeno da amamentação parece fundamental interpretar esta prática com as suas múltiplas nuances e toda a complexidade envolvida, percebendo que tanto a mãe quanto o bebê fazem as suas escolhas a partir dos seus próprios desejos.

Amamentação e a escolha materna

Considerando que, historicamente, a maternidade foi estabelecida como a materialização do amor materno, carregado de renúncias e sacrifícios, incluindo a dor do parto e as dificuldades relacionadas à amamentação, do ponto de vista social, amamentar é uma prática instituída para a mulher. Neste sentido, o dever de amamentar é esperado de todas as mulheres que dão à luz um bebê (FROTA *et al.*, 2009). Contudo, algumas pesquisas vêm mostrando que amamentar se trata de uma escolha materna, fundamentada em fatores biológicos, histórico-culturais, socioeconômico, psíquicos, morais e/ou religiosos (HOLLOWKO *et al.*, 2016; PRADO *et al.*, 2016; SILVA, 2020; VICTORA *et al.*, 2016).

Desta forma, é inquestionável que exista uma relação direta entre amamentação e maternidade. Isto significa que, antes mesmo de a mulher escolher amamentar, há uma escolha pela maternidade. Então, o desejo por um filho está na subjetividade, na história singular de cada um. Por esta razão, muitas mulheres afirmam que “engravadam sem querer”, o que pode ser explicado pelo lapso (FREUD, 1910/1972), ou seja, uma verdade revelada por um engano.

Para Szejer e Stewart (1997), não há gravidez sem história que faça sentido, ou seja, lugar onde é colocado o bebê que está por vir. Logo, a amamentação está na história da maternidade de cada sujeito, desde sempre. Nesta perspectiva, a amamentação está inserida na maternidade, envolvendo desejos e fantasias que estão muito além da escolha de ser mãe (MEIRA, 2010).

A gravidez é, conseqüentemente, uma fase da maternidade, um tempo cronológico que inaugura um período importante no ciclo vital da mulher, com grandes repercussões nos âmbitos singular e coletivo. É um período que suscita expectativas, desejos, conflitos, temores e perdas que geram ambivalência. Para Freud (1915/1996), a ambivalência está inscrita na subjetividade de cada um, havendo um contraponto na origem do amor.

Segundo Stern (1996), na gestação, a mulher inicia uma organização psíquica própria que causa grandes mudanças num curto espaço de tempo. Este novo funcionamento psíquico passa a ser o eixo organizador materno durante todo o ciclo da gravidez. Refere-se às preocupações maternas traduzidas por meio de três discursos que relacionam às experiências internas e externas: o discurso com a sua própria mãe (“mãe-como-mãe-para-ela-quando-criança”), o discurso consigo mesma (“ela-mesma-como-mãe”) e o discurso próprio (“como-mãe-do-seu-bebê”), onde estabelece um diálogo interno com o seu bebê ainda no intraútero.

O entendimento deste modelo pode explicar a influência das representações maternas pré-natais na escolha pela amamentação e, até mesmo, suas ingerências na interação e na construção do laço entre a mãe e o seu bebê. Alguns estudos indicam que as representações pré-natais podem, inclusive, predizer, o comportamento materno na interação mãe-bebê (THUN-HOHENSTEIN *et al.*, 2008).

O processo interativo e comunicativo entre a mãe e o seu bebê tem início desde o intraútero (BUSNEL, 1997; BUSNEL & GRANIER-DEFERRE, 1983; TREVARTHEN, 2017) e, após o nascimento, é no exercício da função materna, por meio dos cuidados de rotina, que a mãe transmite para o bebê muito além do que é da ordem da satisfação das suas necessidades. À vista disto, desde sempre, vigora um diálogo entre o bebê e a sua mãe.

Assim, a escolha materna por amamentar parece estar relacionada às questões que vão desde a história constitutiva até o real vivido, que se associam à uma pluralidade de sentimentos vinculados a fatores psicoafetivos, socioculturais, educacionais, morais e/ou religiosos.

A escolha do bebê

Em Freud (1974/1895), o bebê humano nasce inacabado tanto do ponto de vista biológico como psíquico, necessitando de um outro assegurador (*Nebenmensch*) que lhe sirva de apoio. Assim também Lacan (1966/1998) acentua a necessidade de um laço com o outro (Outro) no nascimento, referindo que existe uma prematuração humana própria. Nesta lógica, ao nascer, o bebê necessita da presença de um outro que exerça por ele a função materna (PARLATO-OLIVEIRA; COHEN, 2017), geralmente, a sua mãe.

Por outro lado, as pesquisas atuais mostram que, desde o intraútero, o bebê inicia trocas interativas, executa ações coordenadas, expressa-se e se comunica pela linguagem corporal (TREVARTHEN, 2017; 2019).

Cada vez mais as competências do bebê estão sendo sinalizadas e indicam que ele é um ser ativo na busca pela interação e na construção do laço, de forma intencional, desde sempre (PARLATO-OLIVEIRA, 2019; TREVARTHEN, 2017; 2019). Existe um desejo pela relação simbólica presente no bebê que está para além da saciação das suas necessidades fundamentais. Por isto, o bebê é capaz de provocar um autêntico diálogo relacional e atuar na interação com a sua mãe.

À vista disto, não há dúvidas quanto à importância da amamentação na construção do laço entre o bebê e a sua mãe; muito além da nutrição, a amamentação envolve uma comunicação multimodal que gera deleite no bebê e na sua mãe. Ao mamar, o bebê não suga apenas o leite, ele suga a voz, o olhar e o toque da mãe, aceitando a alienação proposta por ela.

Durante a amamentação, há uma troca interativa prazerosa, onde apenas o leite não basta, pois para o bebê se trata do seu júbilo. O prazer vem do abrir e fechar a boca, de abocanhar e largar o bico do seio materno, de se enxergar nos olhos da mãe (COUVERT, 2020).

A amamentação proporciona ao bebê a possibilidade de estabelecer os três tempos do circuito pulsional, quer dizer, ele vai em direção ao seio materno, desloca o próprio corpo encontrando satisfação e gera prazer na mãe em amamentá-lo (COUVERT, 2020). Neste sentido, o bebê se mostra um sujeito que controla toda a ação, ao mesmo tempo, em que provoca mudança na mãe.

Do mesmo modo, a amamentação possibilita ao bebê construir a interação e o laço com a sua mãe. A particularidade mais significativa desta ação do bebê é a escolha que ele faz, isto é, ele diz “sim” ou “não” à amamentação. O bebê busca o seio materno de forma intencional, pois é o seu desejo quem o comanda. Esta visão aponta que o bebê é sempre o ponto de partida para a interação e a construção do laço; o valor da função materna nesta dinâmica está em escutar e acolher o ação do bebê.

Assim, nem sempre a interação entre o bebê e a sua mãe resulta no laço; algumas vezes, pode resultar num desencontro, ocorrendo, possivelmente, em função de condições relacionadas à subjetividade e à singularidade de cada um.

Considerações finais

A amamentação é uma prática importante, porém um fenômeno complexo que está para além de uma ação. É uma via de mão dupla que envolve, não apenas a singularidade e a subjetividade da mãe e do bebê, mas sobretudo, as escolhas que cada um faz na direção do outro.

Bibliografia

BRECAILO, M. K. **Experiências de mulheres no cuidado e no aleitamento: Interrelações e autonomia na maternagem**. 2017. 238 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47340>. Acesso em 14 mai. 2021.

BRODRIDD, W.; FALLON, A. B.; HEGNEY, D.; O'BRIEN, M. Identifying predictors of the reasons women give for choosing to breastfeed. **Journal of Human Lactation**, v. 23, n. 4, p. 338-344, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0890334407307540>. Acesso em 13 jan. 2021.

BUSNEL, M-C. **A linguagem dos bebês: sabemos escutá-los?** São Paulo: Editora Escuta. 1997.

_____; GRANIER-DEFERRE, C. And what of fetal audition? *In*: OLIVERIO, A.; ZAPPELLA, M. (Eds.). **The behavior of human infants**. 1983. p. 93-126. Boston: Springer. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-4613-3784-3_6. Acesso em 13 jan. 2021.

COUVERT, M. **A clínica pulsional do bebê**. São Paulo: Instituto Langage. 2020.

FELICIANO, D. S.; SOUZA, A. S. L. Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê a partir de dificuldades na amamentação. **Jornal de Psicanálise**, v. 44, n. 81, p. 145-161, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v44n81/v44n81a12.pdf>. Acesso em 13 mai. 2021.

FREIRE, M. M. L. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

FROTA, M. A.; COSTA, F. C.; SOARES, S. D.; SOUSA FILHO, O. A.; ALBUQUERQUE, C. D. M; CASIMIRO, C. F. Fatores que interferem no aleitamento materno. **Revista RENE**, v. 10, n. 3, p. 61-67, 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-547233>. Acesso em 13 fev. 2021.

FREUD, S. (1895). **Projeto para uma psicologia científica**. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. I)

_____. (1910). **Os chistes e a sua relação com o inconsciente**. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VIII).

_____. (1915). **As pulsões e suas vicissitudes**. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV).

GOLSE, B. L'approche piklerienne, au carrefour des neurosciences et de la psychanalyse. **Journal de la Psychanalyse de L'enfant**, v. 1, n. 5, p. 217-244, 2015. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-journal-de-la-psychanalyse-de-lenfant-2015-1-page-217.htm>. Acesso em 13 fev. 2021.

_____. Intersubjetividade, intersensorialidade e intrassensorialidade. *In*: KUPFER, M. C.; SZEJER, M. (Orgs.). **Luzes sobre a clínica e desenvolvimento de bebês**, 2016. p. 211-222. São Paulo: Instituto Langage.

HOLLOWKO, N.; JONES, M.; KOUPILO, I.; TOOTH, L.; MISHRA, G. High education and increased parity are associated with breast-feeding initiation and duration among Australian women. **Public Health Nutrition**, v. 19, n. 14, p. 2551-2561, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1368980016000367>. Acesso em 13 jan. 2021.

KALIL, I. R.; COSTA, M. C. "Nada mais natural que amamentar" - Discursos contemporâneos sobre aleitamento materno no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016139049>. Acesso em 22 jan. 2021.

_____ ; AGUIAR, A. C. Protagonista da amamentação ou instrumento da política de saúde infantil?: a enunciação da mulher nos materiais oficiais de promoção e orientação ao aleitamento materno. **Saúde Sociedade**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 31-42, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016139049>. Acesso em 12 jun. 2021.

LACAN, J. (1966). **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.
MEIRA, D. S. **Dos impasses da maternidade a uma verdade indizível: Uma verdade psicanalítica sobre a feminilidade**. 2010. 109 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/alessandra_meira.pdf. Acesso em 12 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS. **OPAS destaca importância de participação de toda sociedade na promoção do aleitamento materno, em lançamento de campanha no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/29-7-2021-opas-destaca-importancia-participacao-toda-sociedade-na-promocao-do-aleitamento>. Acesso em 12 jun. 2021.

PARLATO-OLIVEIRA, E. **Saberes do Bebê**. São Paulo: Instituto Langage. 2019.

_____ ; COHEN, D. **O Bebê e o Outro**. São Paulo: Instituto Langage. 2017.

PRADO, C. V. C.; FABBRO, M. R. C.; FERREIRA, G. I. Desmame precoce na perspectiva de puérperas: Uma abordagem dialógica. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 25, n. 2, p. 1580015, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072016001580015>. Acesso em 13 mai. 2021.

SILVA, M. D. B. **Aleitamento materno na atenção neonatal e infantil de alta complexidade**: estudo de coorte. 2020. 329 p. Tese (Doutorado em Ciências área Epidemiologia em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/46628>. Acesso em 13 mai. 2021.

STERN, D. N. **The motherhood constellation**. New York: Basic Books. 1996.
SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher - Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.

VIEIRA, E. M. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

THUN-HOHENSTEIN, L., WIENERROITHER, C., SCHREUER, M., SEIM, G., WIENERROITHER, H. Antenatal mental representations about the child and mother-infant interaction at three months post partum. **European Child &**

LAdolescent Psychiatry, v. 17, n. 1, p. 9-19, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00787-007-0622-3>. Acesso em 12 jan. 2021.

TREVARTHEN, C. The self-born in intersubjectivity: The psychology of an infant communicating. *In*: NEISSER, U. (Ed.). **The perceived self: ecological and interpersonal sources of self-knowledge**, 1993. p. 227-270. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511664007.009>. Acesso em 13 fev. 2021.

_____. Maternal voice and communicative musicality: sharing the meaning of life from before birth. *In*: FILIPPA, M.; KUHN, P.; WESTRUP, B. (Eds.). **Early vocal contact and preterm infant brain development**. Bridging the gaps between research and practice. Springer, 2017. p. 3-23. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-65077-7_1. Acesso em 13 fev. 2021.

_____. O bebê nosso professor, poeta e músico. *In*: C. TREVARTHEN, C.; AITKEN, K. J.; GRATIER, M. (Orgs.). **O bebê nosso professor**. São Paulo: Editora Langage, 2019. p. 14-24.

VICTORA, C. G. *et al.* Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **Lancet**, v. 387, n. 10017, p. 475-490, 2016. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)01024-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)01024-7). Acesso em 12 jan. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Multicountry conference puts spotlight on importance of breastfeeding**. 2018. Disponível em : <https://www.who.int/europe/news/item/22-11-2018-multicountry-conference-puts-spotlight-on-importance-of-breastfeeding>. Acesso em 13 jan. 2021.